

CORPOS À DERIVA: ABJEÇÃO, CONTROLE E CORPO FEMININO EM *MEU CORPO AINDA QUENTE*, DE SHEYLA SMANIOTO

Alexandra Santos Pinheiro¹

Laura Cristina Leal e Silva²

Resumo: Este artigo analisa o romance *Meu corpo ainda quente*, de Sheyla Smaniotto, com base nas teorias de Julia Kristeva, Judith Butler e Kate Millet. A obra explora como a violência patriarcal impacta os corpos femininos, transformando-os em objetos de fascínio e controle. Ambientado na cidade fictícia de Vermelha, o romance revela como o poder patriarcal impõe restrições sobre o corpo feminino, usando o medo e a abjeção para justificar normas e condutas repressivas. A análise discute como Smaniotto, pela perspectiva de uma autora contemporânea, denuncia múltiplas formas de opressão e regulações impostas às mulheres.

Palavras-chave: Corpo abjeto. Violência. Controle. Sheyla Smaniotto

Abstract: This article analyzes the novel *Meu corpo ainda quente* by Sheyla Smaniotto, based on the theories of Julia Kristeva, Judith Butler, and Kate Millet. The work explores how patriarchal violence impacts women's bodies, transforming them into objects of fascination and control. Set in the fictional city of Vermelha, the novel reveals how patriarchal power imposes restrictions on the female body, using fear and abjection to justify repressive norms and conduct. This analysis examines how Smaniotto, from the perspective of a contemporary author, denounces multiple forms of oppression and regulations imposed on women.

Keywords: Abject body. Violence. Control. Sheyla Smaniotto

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999), mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002), doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2007) e pós doutora pela Univerisdad de Jaén (2012-2013). É professora associada da UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados, onde atua como professora da graduação e do Programa de Pós Graduação em Letras. Suas pesquisas e publicações estão voltadas, principalmente, aos temas: Literatura e gênero; História da Leitura e Ensino da Literatura. Líder do grupo de pesquisa NÚCLEO DE ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS - Da UFGD, e participada do grupo POÉTICAS DO IMAGINÁRIO E MEMÓRIA- UNIOESTE. Quanto aos trabalhos de extensão, atua na Formação Continuada de Professores, com ênfase no Letramento Literário.

² Professora de Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação do Amazonas, campus Humaitá (Brasil). Mestranda em Letras da Universidade Federal da grande Dourados (UFGD). Faço pesquisa sobre escrita de mulheres, corpo feminino e violência na literatura brasileira.

Introdução

Desde a Antiguidade, o corpo foi objeto de estudo em diversas culturas, sendo interpretado e controlado por estruturas de poder e discursos religiosos e filosóficos. Do corpo como "prisão da alma" para Platão ao corpo "maquinizado" da era industrial, a evolução dessas ideias culmina com Michel Foucault, que define o corpo como um constructo social sujeito a mecanismos de controle e disciplina. Seus estudos inauguraram uma nova forma de entender como instituições e normas moldam o corpo para atender aos interesses sociais e políticos.

No campo das questões de gênero, pensadoras como Simone de Beauvoir, Silvia Federici e Judith Butler destacaram as desigualdades entre os corpos de homens e mulheres, sublinhando como o patriarcado historicamente condiciona o corpo feminino à submissão e ao controle. Essas investigações continuam relevantes em uma sociedade que ainda naturaliza a violência contra as mulheres e usa essa violência como forma de controle. Em *Corpos que importam* (1996), Judith Butler coloca o corpo no centro para examinar os seus efeitos da subjetividade, desconstruindo as normas culturais que regem a materialização dos corpos ao longo do tempo, “a associação clássica da feminilidade com materialidade pode ser remontada a um conjunto de etimologias que ligam matéria com *mater* [mãe] e *matrix* [matriz] (ou útero) e, portanto, a uma problemática da reprodução” (Butler, 2019, p. 67). O extenso estudo da filósofa sobre o corpo humano e sua representação cultural se apresenta desde o título do livro:

Não se trata de um jogo banal de palavras falar sobre *corpos que importam/corpos materiais* [*bodies that matter*] nesses contextos clássicos, pois ser material significa materializar, se compreendemos que o princípio dessa materialização é precisamente o que “importa” [*matters*] sobre aquele corpo, sua própria inteligibilidade. Nesse sentido, saber o significado de alguma coisa é saber como e por que ela importa, sendo que “importar” significa ao mesmo tempo “materializar” e “significar” (Butler, 2019, p. 68).

A princípio, Butler parecia dedicar-se aos sentidos da materialidade do corpo nesse texto, no entanto, ela própria vai pontuar em seu prefácio, que não conseguiu limitar o conteúdo a esse domínio cultural em sua totalidade. Partindo dessa premissa, o corpo é, por conseguinte, um ponto de partida, uma estrutura, uma fronteira a partir da qual ela vai questionar outras estruturas reais e imaginárias. Para alcançar isso, ela vai revisitar

pensadores antigos e contemporâneos, como Platão, Aristóteles, Freud, Foucault e Luce Irigaray; discutindo como os discursos sobre o corpo, principalmente o feminino, foram estabelecidos a partir de uma perspectiva falocêntrica.

Em *Problemas de gênero*, publicado em 1990, Judith Butler já propunha que o gênero não é inato ou natural, mas algo que os humanos performam. Em *Corpos que importam*, ela expande a ideia de performatividade de gênero em termos de como o sexo também pode ser criado, mantido e finalmente materializado dentro de um corpo para perpetuar objetivos heteronormativos. *Corpos que importam* conjectura a familiaridade e a aceitação do gênero como um ato performativo descrito em seus trabalhos anteriores. Predeterminado por convenções sociais, o desempenho de gênero cria a ilusão de estabilidade que não está necessariamente enraizada no desejo de um indivíduo.

É nesse contexto que este trabalho analisa *Meu corpo ainda quente*, de Sheyla Smanioto, um romance que retrata o impacto da opressão patriarcal sobre o corpo feminino. Ambientado na fictícia cidade de Vermelha, a narrativa expõe o corpo das mulheres como um espaço de fascínio e medo, sustentando-se em normas patriarcais que o desumanizam e controlam. Para fundamentar essa análise, o artigo dialoga com as teorias de Julia Kristeva sobre abjeção, Judith Butler sobre performatividade de gênero, e Kate Millet sobre a opressão sexual e política das mulheres.

Sheyla Smanioto é uma escritora brasileira contemporânea. Ela nasceu na cidade de Diadema, no Estado de São Paulo, em 1990. Graduou-se em Estudos Literários em 2011 e em 2015 conclui o mestrado em Teoria Literária, ambos pela UNICAMP. Sua afinidade com a palavra e o corpo feminino já vem desde sua formação acadêmica, quando pesquisou a relação entre o corpo e a escrita como forma de controle feminino. Ela considera suas obras como manifestos em um projeto literário cujo propósito é pautar a literatura com questões políticas contemporâneas, especialmente as feministas. Em *Meu corpo ainda quente*, ela explora essa problemática em um cenário distópico e alegórico, onde a personagem principal busca a posse de seu próprio corpo em um ambiente hostil e controlado. Smanioto descreve a obra como um "conto de fadas distópico", combinando elementos simbólicos e arquetípicos para confrontar o leitor com as dimensões opressivas do poder patriarcal e a luta feminina por autonomia.

Importante destacar que Sheyla Smanioto é uma escritora de seu tempo, ou seja, ela utiliza a internet e as redes sociais para divulgar as suas obras. Sendo assim, as

informações a respeito dela e de sua produção são de fácil acesso à internet. Além do perfil em redes sociais, ela possui um site próprio, no qual encontramos informações a respeito de seus escritos e dela mesma. Atualmente, além de escrever, a autora oferece cursos de escrita criativa voltado tanto para escritores ou quem deseja trilhar esse caminho. Assídua das redes sociais, Smanioto também tem um canal no YouTube em que conversa sobre os temas e símbolos que atravessam a sua escrita. A respeito de *Meu corpo ainda quente*, ela afirma em um dos seus vídeos:

Ele reflete a mulher contemporânea na sociedade de todas as maneiras que eu consegui. Eu queria que fosse sobre questões muito contemporâneas. Eu quero é tocar o que está urgente agora a partir desses lugares muito antigos, justamente para conectar esses pontos do pensamento, do que a gente tá pensando, daquilo que está urgente na nossa cabeça agora e das urgências antigas do nosso corpo. A escolha por um cenário distópico tem a ver com criar esse lugar externo em que também houvesse um abandono do corpo. A cidade de desova inspirada na Diadema dos anos 80, que era uma cidade de desova da ditadura militar, ela foi trazida como cenário, tal qual um paralelo para o abandono que a gente é convidado a fazer pela cultura do nosso próprio corpo. [...] Essa menina que vai, na história, morar num canto do próprio corpo, ela experimenta o que acontece com a gente muitas e muitas vezes que e se isolar na mente, por exemplo, num canto do corpo. A mente nessa versão da vida, a racionalidade a lógica faz com que a gente abandone o instinto, o sonho. Então eu tentei configurar e criar um conto, um novo arranjo interno para a ideia da loucura, por exemplo, da mulher. Para a ideia do corpo endiabrado da mulher, o corpo possuído, o corpo pra dimensão destrutiva/ criativa do nosso ser. Ela mora num canto, eu pensei, a gente também pode aprender a se espalhar. Tentei uma outra história sobre o corpo, mas uma história que tornasse possível uma relação com o corpo, que fosse uma relação de criatividade, de amor. Transcrição nossa da fala da autora Sheyla Smanioto (ARTE1, 2020).

Essa análise propõe-se, portanto, a discutir como Smanioto utiliza a narrativa distópica para revelar e criticar as múltiplas violências que o patriarcado impõe aos corpos das mulheres, abrindo espaço para um diálogo entre literatura e teoria feminista.

Corpos abjetos e descartados na cidade de Vermelha

Para Julia Kristeva, filósofa, crítica literária, psicanalista e semiótica franco-búlgara, o abjeto refere-se à reação humana a uma ameaça de quebra de significado causada pela perda da distinção entre sujeito e objeto ou entre o eu e o outro. A reação humana mais comum diante da presença de um corpo morto é nojo, medo, desgosto, raiva, tristeza, entre outros. É uma resposta elementar do nosso cérebro com o intuito de rejeitar aquela presença porque estar ao redor de cadáveres pode nos deixar doente seja física ou

mentalmente: “o cadáver (cadere, cair), aquilo que irremediavelmente caiu, [que é] cloaca e morte, perturba mais violentamente ainda a identidade daquele que se confronta como um acaso frágil e falacioso” (Kristeva, 1982, p. 3).

No campo simbólico, um corpo sem vida, nos conduz, quase sempre, à dicotomia entre vida e morte. Um ser que estava vivo e agora não está mais, uma personificação dessa fronteira entre ser ou não ser como nos diria Hamlet. E a abjeção que esse indivíduo que agora não é mais, pode representar uma maneira de nos desvencilharmos da morte e permanecer na fronteira dos vivos. O sentimento de abjeção nos força a escolher nossa identidade. O conceito de abjeção de Julia Kristeva é relevante para as maneiras pelas quais os corpos das mulheres são frequentemente submetidos a formas de submissão e controle pelo poder patriarcal. Kristeva (1982) propõe que a abjeção se refere à experiência de ser repellido por algo que é simultaneamente fascinante e assustador, como resíduos corporais ou morte. No contexto do controle e submissão dos corpos femininos, esse conceito pode ser aplicado às formas como o poder patriarcal busca controlar e regular os corpos das mulheres, que, muitas vezes, são vistos como "abjetos" ou impuros devido à sua associação com o sangue menstrual, parto e outros eventos corporais. Para Kristeva, a experiência da abjeção está ligada às relações de poder e às formas como indivíduos e grupos se posicionam uns em relação aos outros.

Esses humores, essa imundície, essa merda são aquilo que a vida suporta com muito custo e ao custo da morte. Ali eu estou nos limites de minha condição de viva. Desses limites se livra o meu corpo como [corpo] vivo. Esses dejetos caem para que eu viva, até que, de perda em perda, nada mais me reste, e que meu corpo caia por inteiro para além do limite, cadere, cadáver (Kristeva, 1982, p. 3-4).

No contexto do controle patriarcal sobre os corpos das mulheres, isso significa que os corpos das mulheres são posicionados como inferiores e precisam de controle e regulação, enquanto os corpos dos homens são posicionados como superiores e precisam de proteção. Na cidade fictícia de Vermelha, onde se ambienta o romance de Sheyla Smanioto, os corpos mortos se acumulam nos espaços da cidade. Já nas primeiras páginas do livro, a protagonista rememora sua casa e o córrego que atravessa o fundo do quintal e fala sobre os corpos que ficam por ali:

Eu já estava acostumada a ver corpos sem ninguém dentro. Desde menorzinha era mãe sair e aproveitava e ia conhecer. Ia tentar aprender com eles a não morrer. No córrego atrás de casa, muita gente vinha de longe, enroscava, vazia, brigava com as plantas pra passar e eu não falei nada pra minha Mãe, eu não

falei nada, mas tinha certeza de que algum dia a gente deve ter tomado chá de Alma, pior, chá de Alma morta [...] (Smanioto, 2020, p. 12).

Por meio desse processo de abjeção, os corpos das mulheres se tornam locais de fascínio e medo do poder patriarcal, e esse fascínio e medo são usados para justificar formas de controle e regulação sobre os corpos das mulheres, como leis restritivas sobre direitos reprodutivos, normas e expectativas de gênero, e a imposição de códigos de modéstia.

A capa do romance traz uma imagem intrigante, que evoca questionamentos acerca do corpo humano e sua relação com os mecanismos de poder e controle na sociedade. A imagem (Figura 1) apresenta algumas dimensões que podemos refletir. Começando pelo último plano, vemos ao fundo um corpo feminino nu, deitado de bruços dentro de uma grande gaiola, com a cabeça virada para o lado, revelando apenas parte do rosto. A posição fetal do corpo sugere uma submissão, como se a pessoa estivesse à mercê de alguém ou algo, e a nudez expõe a vulnerabilidade e a objetificação do corpo feminino:

Essa imagem também pode ser analisada a partir dos conceitos de abjeção de Julia Kristeva e do suplício do corpo de Michel Foucault, que exploram a relação entre o corpo e o poder na sociedade. Segundo Kristeva (1982), a abjeção é uma forma de rejeição e expulsão do que é considerado “impuro” ou “diferente” dentro da ordem simbólica estabelecida pela cultura. O corpo humano é um dos principais objetos de abjeção, já que é visto como algo que ameaça a ordem social e a identidade individual. A nudez, por exemplo, é frequentemente associada à vergonha e à imoralidade, e o corpo feminino é frequentemente sexualizado e objetificado em função das normas patriarcais que regem a sociedade.

Figura 1 – Capa do romance *Meu corpo ainda quente* (2020)



Fonte: Foto digitalizada pela autora (2023).

Já Foucault aborda a relação entre corpo e poder a partir da ideia de que o suplício do corpo foi uma das principais formas de controle social na história da humanidade. Através de práticas como a tortura e a execução pública, o poder disciplinador dos Estados e das instituições religiosas se impunha sobre os corpos dos indivíduos, fazendo com que eles internalizassem a obediência às normas e às autoridades. O corpo era, assim, uma ferramenta fundamental para a manutenção da ordem social e da dominação política.



Ao olhar para a imagem da capa do romance de Sheyla Smanioto, é possível identificar elementos desses dois conceitos. A nudez e a posição submissa do corpo feminino evocam a ideia de abjeção, já que expõem a vulnerabilidade e a objetificação do corpo como um objeto a ser possuído e controlado. Ao mesmo tempo, a posição do corpo sugere um suplício, como se a pessoa estivesse sofrendo algum tipo de dor ou humilhação nas mãos de alguém ou algo. Isso remete à ideia de que o corpo é uma ferramenta de poder e controle, que pode ser usado para subjugar os indivíduos e fazê-los obedecer às normas e às autoridades. Para Michel Foucault (2021, p. 29), “essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta”.

A imagem também traz elementos de resistência e de subversão. O fato de que a pessoa na imagem não mostra o rosto por completo sugere uma forma de anonimato e de desconstrução da identidade individual, como se o corpo fosse uma expressão coletiva de uma luta contra a objetificação e a dominação. Além disso, a imagem pode ser interpretada como uma forma de denúncia da violência contra o corpo feminino, que é frequentemente alvo de abusos e violações.

A presença da mulher em primeiro plano na capa do romance *Meu corpo ainda quente*, segurando a gaiola, traz à tona reflexões acerca da colonização do corpo feminino e da alienação feminina para o patriarcado. A imagem nos sugere que as próprias mulheres são levadas a expropriar e controlar o corpo das outras mulheres, algo assim acaba reforçando os padrões e as normas que restringem a liberdade e a autonomia femininas. A gaiola pode ser interpretada como uma metáfora do controle e da limitação do corpo feminino, que é enclausurado e submetido às vontades e aos desejos dos outros. A mulher que segura a gaiola pode ser vista como uma representação da figura feminina que se submete a esses padrões e contribui para a perpetuação da opressão das mulheres, mas é importante notar que ela também está vendada dando a pensar que a figura opressora não tem consciência do que faz. A nudez pode ser interpretada como uma forma de ilustrar as normas que regem a relação das mulheres com seus corpos, que muitas vezes são coagidas a esconder e a envergonhar suas sexualidades e seus corpos.

Essas normas frequentemente coagem as mulheres a esconder e a envergonhar suas sexualidades e seus corpos. Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, explora

profundamente a construção social da feminilidade e como as mulheres são moldadas por normas e expectativas sociais. As mulheres são socializadas a se verem como objetos de desejo para os homens ao mesmo tempo que são levadas a se envergonhar de sua própria sexualidade.

Quando Judith Butler (2019), em *Corpos que importam*, examina a performatividade de gênero e como as normas sociais regulam a expressão e a vivência do corpo, ela explica que os corpos são moldados por normas de gênero e que a nudez pode ser uma forma de desafiar essas normas, questionando a relação entre o corpo e a identidade de gênero. A mulher na capa do romance, ao estar nua, pode ser interpretada como uma forma de subverter as normas de gênero e reivindicar a autonomia sobre seu corpo e sua sexualidade.

Kate Millet (1970), teórica feminista importante, cujo trabalho se concentrou nas estruturas de poder presentes nas relações de gênero e sexualidade, clarifica que a opressão das mulheres é profundamente enraizada nas estruturas patriarcais da sociedade, que regulam não apenas as relações de poder entre homens e mulheres, mas também a forma como as mulheres percebem e vivenciam seus próprios corpos. Ela explora a noção de "política sexual", que se refere à maneira como as normas sociais e as estruturas de poder moldam as experiências e as identidades sexuais das mulheres. Millet tinha como objetivo demonstrar que o sexo é uma categoria de status com implicações políticas. Ela questionou a dominação masculina no sexo, incluindo no próprio ato. Ao desafiar a ordem estabelecida, ela afirmou que a dominação sexual é, em grande parte, a ideologia mais perversa de nossa cultura e fornece o conceito mais fundamental de poder.

No contexto da análise da capa do romance, a *Política sexual* (1970), de Millet, pode ser aplicada para destacar como as normas e os valores sociais influenciam a percepção das mulheres em relação a seus corpos nus. Millet argumentou que o corpo das mulheres é frequentemente objetificado e regulado por normas sociais que limitam sua sexualidade e sua liberdade e a relega ao que denomina como minorias: “uma minoria é qualquer grupo que, devido a suas características físicas ou culturais, sofre segregação em relação a outros nas sociedades em que se inserem” (Millet, 1970, p.93).

Ao considerar a mulher na capa do livro, nua e segurando uma gaiola, podemos pensar nisso como uma representação visual da luta das mulheres contra essas normas restritivas. A nudez da mulher pode ser vista como um ato de resistência, um meio de

reivindicar autonomia e liberdade em relação ao próprio corpo, desafiando a objetificação e a coação impostas pela sociedade. Ela nos convida a refletir sobre como as normas sexuais patriarcais moldam as percepções e as experiências do corpo feminino, e como as mulheres podem desafiar e subverter essas normas por meio de suas próprias expressões corporais.

Por meio da análise da capa do romance de Smanioto, é possível refletir sobre as diversas formas de controle e dominação do corpo que são exercidas na sociedade, assim como sobre as possibilidades de resistência e subversão dessas formas de poder, além de nos convidar a pensar as normas e os padrões que regem a nossa relação com o corpo e como eles são elaborados para nos manter no ciclo de aprisionar os nossos corpos ao mesmo tempo que enjaulamos outras mulheres.

No que concerne à diagramação da obra, além da arte da capa, é válido também pensar no projeto gráfico do livro internamente permeado pela cor vermelha num efeito gradiente. Visualmente, o romance parece estar manchado de vermelho, o que evoca uma simbologia intensa e provocativa. O vermelho, como cor dominante, possui múltiplos significados que se entrelaçam com a narrativa. Por um lado, pode representar a paixão e a sensualidade, conectando-se com a temática do corpo presente no livro. Por outro lado, o vermelho também pode simbolizar o sangue derramado, a violência e a opressão enfrentadas pelas personagens femininas. Essa cor intensa e marcante pode ser interpretada como uma representação visual da luta, dor e resistência dessas mulheres, cujas histórias são reveladas nas páginas manchadas de vermelho.

Vale ainda pensar na espetacularização do sofrimento como forma de docilizar os corpos. O controle desse corpo acontece em camadas de dominação e opressão. A família que aponta como aquele corpo deve se comportar, como sentar-se, falar, sorrir, esperar e principalmente a ficar escondido num canto em silêncio. E em Vermelha uma das camadas desse processo envolve a exposição do sofrimento e da morte com os corpos que são dispostos em todos os lugares. Segundo Jean-Jacques Courtine (2013, p. 151), a principal consequência da midiaticização dos sofrimentos em relação ao expectador é que ele tende a tornar-se banal.

Um dos aspectos que remetem aos contos de fadas são o seu caráter educativo. Ao final de cada capítulo dos romances, nos deparamos com pequenas narrativas iniciadas

por *era uma vez*. Destacamos aqui, um trecho desses microcontos de fadas, ao fim do capítulo oito:

Era uma vez um rei apaixonado por uma mulher que vivia na floresta. Incandescente de paixão, ele se ajoelhou e ofereceu o mundo a ela, mas a mulher disse que não. Os sábios conselheiros do rei lhe informaram que isso só poderia ser sinal de que um demônio vivia dentro dela. A amada queria viver pra sempre ao lado do rei, mas o demônio não permitia. Pra salvar sua amada, o rei mandou acorrentá-la nas masmorras. Pra tirar o demônio de dentro dela ele cortava, dissecava, calculava quanto tempo a carne de mulher demora pra queimar, se ela conseguia respirar embaixo d'água e se mulheres esticam quando puxadas por burros de carga. Observava, dissecava, descrevia. A mulher sobrevivia, só podia ser o demônio, mas o rei estava preparado, ele faria de tudo pra ter as terras daquela mulher e poder ficar a sós com seu Corpo, o amor era tanto. Na milésima segunda noite, ele finalmente consegue se livrar daquele demônio. E o rei vive feliz pra sempre com sua amada morta. Como em tantas outras histórias (Smanioto, 2020, p. 95).

O trecho apresentado descreve uma narrativa que mescla elementos de contos de fadas e distopia, proporcionando uma sobreposição de gêneros literários na obra de Sheyla Smanioto. O início remete ao conto de fadas tradicional, em que um rei se apaixona por uma mulher misteriosa e oferece-lhe o mundo. No entanto, a recusa da mulher é interpretada pelos conselheiros do rei como um sinal de que ela abriga um demônio em seu interior. Esse ponto marca a transição para o aspecto distópico da narrativa.

A partir desse momento, o rei, movido pela ideia de salvar sua amada, submete-a a diversas formas de violência e controle. Através de ações como acorrentá-la nas masmorras e submetê-la a experimentos brutais, o rei busca exorcizar o suposto demônio presente na mulher.

No desfecho da narrativa, o rei finalmente acredita ter se livrado do demônio, mas à custa da morte da mulher amada. Essa conclusão trágica, em que o rei encontra sua felicidade apenas após a morte da mulher, é remanescente de muitas outras histórias que seguem um padrão semelhante.

Nesse contexto, a autora utiliza a fusão dos gêneros literários para criar uma crítica aos mecanismos de poder e controle que operam sobre os corpos, particularmente os corpos femininos. A mistura de elementos lúdicos dos contos de fadas com a representação de um mundo distópico catastrófico serve como um meio de reflexão e

ensinamento, proporcionando uma análise contundente sobre as estruturas de opressão presentes na sociedade.

Aqui, abrimos um breve parêntese para explorar o conceito de conto de fadas distópico que é proposto pelas próprias palavras de Sheyla Smanioto na contracapa do livro: “*Meu corpo ainda quente* é um romance e também um conto de fadas distópico, mas, antes de tudo, um manifesto poético-feminista” (Smanioto, 2020 s/p). Os contos de fadas, conforme Nely Novaes Coelho (2012), são caracterizados por sua origem na tradição oral, contendo elementos simbólicos, mágicos e arquétipos que refletem a psiquê humana e seus desejos e medos mais profundos. Geralmente, essas narrativas têm um caráter moral e ensinam lições de vida por meio de personagens estereotipados, como princesas, bruxas e príncipes. É uma narrativa que se desenvolve em um passado distante marcado pela repetição “Era uma vez”.

Por outro lado, a distopia, conforme abordada por Marilena Chauí (2012) em “Breve consideração sobre a utopia e a distopia”, é um gênero que se caracteriza por retratar um futuro sombrio e opressor, geralmente representando uma sociedade distante dos ideais utópicos. As distopias exploram aspectos negativos e extremos da sociedade, frequentemente apresentando governos totalitários, controle social e perda de liberdade individual. Essas narrativas visam alertar sobre os perigos do autoritarismo e provocar reflexões sobre o rumo que a sociedade pode tomar caso determinadas tendências se concretizem.

A junção de contos de fadas e distopia em “*Meu corpo ainda quente*” cria uma narrativa um tanto complexa que desafia as convenções literárias. A obra de Sheyla Smanioto apresenta uma distopia em que corpos são largados a céu aberto numa cidade de desova num governo autoritário. Dentro desse mundo, nos deparamos com uma personagem narrando suas lembranças de infância, na qual a mãe repete com frequência – ensinando – que “só morre quem não presta”, a fim de justificar para essa criança os corpos que se amontoam pela cidade.

A aproximação entre os gêneros pode ser observada na construção dos personagens. Tanto nos contos de fadas quanto na distopia, os personagens são frequentemente arquetípicos, representando aspectos universais da experiência humana. Em “*Meu corpo ainda quente*”, os personagens são desenvolvidos de forma complexa,

mas ainda carregam traços simbólicos e arquetípicos que os conectam a ambos os gêneros literários.

No entanto, os contos de fadas – pelo menos os mais conhecidos - geralmente têm um tom otimista e moralizante, enquanto as distopias são sombrias e críticas. Em "Meu corpo ainda quente", a combinação desses dois elementos cria uma narrativa poderosa que confronta a esperança com o desespero, o mágico com o opressor, resultando em uma experiência literária profunda e ambivalente. Esse parêntese é relevante, pois conforme mencionado já na introdução, embora seja interessante compreender em que medida a distopia e o conto de fadas se encontram na narrativa de Sheyla Smanioto, não é o objeto de discussão desse estudo se aprofundar nessas linhas.

Foucault analisa a prática do suplício em seu livro *Vigiar e punir*, no qual explora a história das práticas punitivas ao longo dos séculos. O suplício é uma estratégia de controle que se manifestava por meio de punições públicas e espetaculares, nas quais o corpo do indivíduo transgressor era exposto a um sofrimento físico intenso como forma de retribuição e exemplo para a sociedade. Essas práticas tinham como objetivo não apenas punir o indivíduo, mas também estabelecer uma relação de poder e submissão entre o soberano e os súditos.

O suplício era caracterizado por métodos brutais e cruéis, como a tortura, a execução pública e outras formas de punição física, que buscavam infligir dor e causar terror nos corpos dos condenados. Essa prática tinha um caráter de espetáculo, sendo realizada diante de uma plateia, para transmitir uma mensagem de poder e controle sobre a população. Com o tempo, o suplício foi sendo substituído por outros mecanismos de punição, como as prisões.

No caso de Vermelha, temos os corpos que apodrecem a céu aberto, embora não haja uma prática de tortura publicamente em termos estritos, essa exposição dos corpos se decompondo se assemelha bastante a isso, afinal, “em Vermelha só morre quem não presta”. “Bem na hora um cachorro passa e leva meu olhar com ele e eu encontro aqueles dedos brotando da terra, a planta de um pé, Mãe [...]” (Smanioto, 2020, p. 18).

Assim, essa forma de suplício (Foucault, 2014) ou mediação do sofrimento (Courtine, 2013) representa um dos elementos-chave na análise do poder disciplinar e dos mecanismos de controle social, permitindo compreender as transformações históricas das práticas punitivas e sua relação com a construção de normas e subjetividades na

sociedade. “Eu sei como as coisas funcionam aqui, eu sei o que acontece quando uma mulher não faz o que esperam dela.” (Smanioto, 2020, p. 22). Embora alguns pretendam ignorar, todos, enquanto sociedade, sabemos como o mundo funciona para as mulheres que não cumprem o que se espera delas.

Em *Meu corpo ainda quente*, a personagem protegida pela mãe e a vizinha numa cidade rodeada de violência e morte, é abusada pelo pai que reaparece em suas vidas. Até então ela não acreditava na morte. Pensando em como a violência faz de meninas mulheres muito antes delas crescerem. O mito de que meninas amadurecem mais cedo, quando na verdade é um processo violento de consciência de si e do mundo. É o fim abrupto da infância.

às vezes parece que as coisas mortas vêm morar aqui dentro, sabe, Mãe? Até as mulheres vêm morrer aqui, nesse canto do peito. Às vezes parece que meu Corpo é feito de todas as mulheres que vieram antes de mim, uma com os pés no ombro da outra e eu na ponta, aqui em cima, tentando não cair. Às vezes parece que enterraram no meu peito a dor de todas as mulheres dessa terra das que foram tomadas pela sede dos homens das caravelas e das mais antigas ainda, das que vieram acorrentadas ou com promessas nos ouvidos, das bruxas desterradas, das loucas. Às vezes parece que meu Corpo é feito desse barro amaldiçoado, Mãe, mas deve ser impressão minha (Smanioto, 2020, p. 26-27).

Esse excerto do romance abarca uma reflexão profunda sobre a violência vivida pelas mulheres e como ela afeta a formação da identidade feminina desde cedo. Pensemos algumas das ideias presentes nesse trecho, levando em consideração a experiência das personagens no romance.

A personagem descreve a sensação de que coisas mortas e mulheres que morreram encontram um lugar dentro dela. Essa imagem sugere uma conexão com a dor e o sofrimento que as mulheres experimentaram ao longo da história, transmitida de geração em geração. A ideia de que seu corpo é feito das mulheres que vieram antes dela, uma com os pés no ombro da outra, indica a herança das lutas e dos traumas enfrentados por mulheres ao longo do tempo. A referência à terra das mulheres “tomadas pela sede dos homens das caravelas” evoca a violência sofrida pelas mulheres através do colonialismo e da exploração. Isso aponta para a opressão histórica enfrentada pelas mulheres, que foram subjugadas, escravizadas, exiladas e rotuladas como bruxas ou loucas em diferentes momentos da história. Ao descrever essa sensação de ter as dores e histórias das mulheres em seu corpo, a personagem reconhece o peso dessas experiências, mas também

questiona se essa percepção é apenas uma impressão sua. Essa ambiguidade revela uma tentativa de compreender e lidar com a complexidade das experiências femininas.

Essa análise do trecho evidencia como a violência vivenciada pelas mulheres, seja ela física, sexual ou psicológica, impacta profundamente sua identidade e percepção do mundo. A passagem da infância para a maturidade é descrita como um processo violento de conscientização, em que as meninas são forçadas a confrontar a dura realidade da opressão de gênero. A personagem também menciona a sensação de que seu corpo é feito de um "barro amaldiçoado". Essa expressão sugere a internalização de uma carga negativa e dolorosa, proveniente da opressão e violência sofridas pelas mulheres. Essa carga pode ser vista como resultado de uma sociedade patriarcal que subjuga e marginaliza as mulheres, tornando abjetos os corpos que não se submetem aos padrões definidos.

Considerações finais

Corpos abjetos, descartados, invisibilizados, submetidos a diferentes violências nortearam a escrita deste artigo. O romance é um texto deveras curto para um gênero literário geralmente tão extenso, são 122 páginas que dão vida a um enredo complexo e metafórico. *Meu corpo ainda quente* está carregado de lirismo e imagens que conseguem abarcar um universo de dúvidas. O texto de Sheyla Smanionto nos proporciona um olhar mais amplo sobre a matéria da literatura e aponta para elementos intrigantes: uma prosa com nuances líricas, sincretismo de gêneros literários diametralmente opostos como contos de fadas e distopias, a ilustração da capa, com a presença de destruição e corpos espalhados.

O romance Sheyla nos indaga: “Quando você descobriu pela primeira vez que seu corpo não era seu?” A questão reverbera por dentro antes, durante e muito tempo depois de terminarmos a leitura e, suscita outras tantas mais. O momento histórico do romance é o período da ditadura militar no Brasil que durou de 1964 até 1985, mas as violências que atravessam os corpos das personagens do romance *Meu corpo ainda quente*, vêm de tempos que não se sabe datar. É possível que alguma mulher tenha posse do próprio corpo num mundo onde predominam estruturas de poder masculinas? O corpo feminino tem sido alvo de um controle opressivo ao longo da história: das restrições às liberdades individuais, passando por violência física, e a violência simbólica, pelas quais as mulheres

foram submetidas a uma série de práticas que visavam perpetuar sua submissão e silenciamento.

Narrar a história das mulheres pela voz de outras mulheres como o romance de Sheyla Smanioto faz, abordando a temática da violência e do corpo feminino na voz das mulheres aponta para a possibilidade de dar espaço às experiências reais e genuínas das vítimas. Ao dar visibilidade à voz das mulheres, abrimos caminho para diálogos significativos e transformadores sobre um tema tão importante e sensível. Essas narrativas revelam as múltiplas dimensões da violência e do controle exercido sobre o corpo feminino, desafiando estereótipos, rompendo o silêncio e despertando a consciência coletiva. Esses diálogos permitem questionar e desconstruir as estruturas opressivas que perpetuam a violência de gênero. Escutar as vozes das mulheres é essencial para construir uma sociedade mais próxima de contexto de equidade, no qual a possibilidade de ser sujeita de si mesma e dona do próprio corpo seja uma realidade e não um conto de fadas.

Tendo isto em mente, resta-nos refletir acerca da sociedade que queremos. Pois, se nossos gêneros são construídos socialmente, existe a possibilidade de mudar, ou melhor, moldar essa construção de modo mais equânime e justo para todos os gêneros - o que só seria possível, para Saffioti (2011), por meio da educação. Ao refletir sobre esta questão, Saffioti admite que “a rigor, não se pode, de nenhuma forma, educar a geração imatura fora do esquema de gênero. O que se pode fazer é educar os mais jovens segundo uma matriz alternativa de gênero (SAFFIOTI, 2011, p. 123).

E é aí que entra o potencial da literatura. Por imaginar e nos apresentar mundos possíveis, a literatura ficcional nos comove, nos inspira, nos dá esperança e também abertura para caminhos possíveis. É a essa forma de “literatura militante” a qual Smanioto declara estar a serviço. No romance *Meu corpo ainda quente*, a força do patriarcado se percebe tanto a nível micro, o pai de Jô, quanto macro, a ditadura militar. Antônio é morta com vários tiros e, embora, não esteja explícito o motivo no livro, podemos pensar que a causa foi a morte do marido abusivo. Essa força policial que só protege homens de mulheres e ao mesmo tempo desova os corpos de suas vítimas a céu aberto porque sabem que imagens costumam ser mais eficazes que palavras. À protagonista, as palavras são o que restam para resgatar e contar sua história, mesmo que seja muito tempo depois, mesmo que seja através da ficção, mesmo que seja escrita em vermelho.

REFERÊNCIAS

BIONE, Carlos Eduardo. « Desesterro », de Sheyla Smanioto.: ficar partir resistir, trajetórias do corpo feminino. **Revista Diálogos**, Mato Grosso (Ufmt), v. 8, n. 1, p. 335-347, 28 abr. 2020. Semetras. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/9519>. Acesso em: 04 set. 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: N1 Edições; Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CHAUI, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: *Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton*. São Paulo: Barcarolla, 2012. 214 Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: símbolos, mitos e arquétipos*. 4. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o Corpo: pensar com Foucault*. 1. ed. petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KLINGER, D. O escritor fora de si: algumas considerações sobre inspiração e autoria. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], n. 17, p. 3-14, 2016. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i17p3-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/124981>. Acesso em: 15 ago. 2023.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror**: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

MILLET, Kate. **Política sexual**. 7. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SMANIOTO, Sheyla. **Bipolaridade, corpo e criatividade**. YouTube, 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dcej0lmFdwM> Acesso em: 10 jul. 2022.



SMANIOTO, Sheyla. **Como fiz as pazes com o meu corpo?** YouTube, 04 jul. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VH_D2MTaSVE&list=WL&index=17&t=173s. Acesso em: 10 jul. 2022.

SMANIOTO, Sheyla. **Meu corpo ainda quente**. São Paulo: Nós, 2020.